



J. Chrys Chrystello*

Voltem as caravelas, os CTT agradecem

Emitida a 18 de abril a carta emitida em Lisboa com o respetivo cartão bancário chegou à Lomba da Maia, S. Miguel, Açores, a 31 de maio, com uma impressionante rapidez de 43 dias que demorou a atravessar o mar adamastor que nos separa de Lisboa.

Quase que batia o recorde de cem dias doutra carta emitida pela MEEA (Associação de Jornalistas Australianos) em 8 de dezembro na Austrália e que aqui chegou a 19 de março, mas isso justifica-se pelos perigos do oceano pacífico infestado de tubarões.

Nos tempos do infame Estado Novo, uma carta do meu pai, do Porto a Dili, Timor, demorava normalmente quatro semanas usando a sarcasticamente denominada Carreira das Índias Orientais.

Quanto à distribuição local de correios aqui nesta costa norte da ilha de São Miguel, ao fim de 15 anos de um dedicado carteiro que até me fazia sinais de luzes e me parava na estrada entre a Lomba da Maia e a Maia, para me entregar correspondência, passamos a um novo sistema em que um jovem voluntário usa a sua viatura particular que ele próprio ou a companheira conduzem, para nos distribuírem o correio, o que acontece provavelmente uma vez em cada semana.

Não adianta preencher a queixa no livro de reclamações, assim como de nada adiantaram os protestos de alguns deputados na Assembleia da República, foi isto que compraram e é isto que têm, graças a essa ge-

nerosa venda a privados de uma das companhias de marca e de valor, e que eram os CTT, com uma tradição centenária de bem servir um país que mais parece uma manta de retalhos no que toca à distribuição postal.

Claro que, se trouxermos as naus e caravelas de volta estamos certos de que a qualidade do serviço irá melhorar, proporcionando serviços, pagos ao salário mínimo, aos desempregados e aos que recebem o rendimento de inserção social e, que não perderão a oportunidade de vida aventureira nas naus e caravelas, podendo simultaneamente desfrutar dos prazeres de utilização dos seus smartphones entre escalas marítimas.

Desta forma poderiam evocar a memória de Pedro da Silva, o imortalizado carteiro português que ficou célebre no Canadá no século XVII, como Pierre da Sylva. Batizado na Igreja de São Julião em Lisboa após o seu nascimento em 1647, deixou Portugal em 1672 ou 73 e chegou à Nova França, casando em 1677 e gerando 14 filhos. Em 1681, mudou para Sault-au-mattlot na cidade do Quebec. A documentação da época revela que em julho 1693 recebeu 20 sols, equivalente a 20 libras, para transportar um pacote de uma carta de Montreal para a cidade de Quebec e em dezembro 23, 1705 recebeu uma carta assinada por Jacques Raudot, declarando-o o primeiro correio do Canadá.

Depois, receberia permissão para transportar cartas de entidades privadas, sendo sempre pontual e cumpridor, diligente e leal, auferindo o privilégio de ser o mensageiro regular de mercadorias e de correspondência oficial do Governador-geral da Nova França, entre o Quebec a Trois Rivières em Montreal.

Pedro da Silva efetuou o transporte de correio e mercadorias pelo rio São Lourenço durante a guerra entre a França e os iroqueses, um grupo nativo que apoiava o império inglês, o que terá contribuído para que o rei francês Luís XIV o tenha nomeado como Mensageiro Real na Nova França.

Em 2003¹ foi emitido um selo comemorativo e houve outras homenagens.

*Jornalista [MEEA/AJA (Australian Journalists' Association-Membro Honorário Vitalício nº 2977131, 1983-2018) carteira profissional AU3804]

¹ Há um documentário histórico de homenagem ao primeiro carteiro do Canadá, realizado pelo produtor e realizador Bill Moniz, a biografia histórica assinada pelo investigador lusodescendente Carlos Taveira, ou a iniciativa dos Serviços Postais canadenses que lhe dedicaram no princípio do séc. XX um selo.



João Paim Vieira

À beira da estrada, na praia e na marina

Passeando pelas canadas antigas encontrei algo de inacreditável mesmo por baixo da via rápida Ponta Delgada-Lagoa.

Sete sacas de ração cheias de restos animais, peles, gorduras mais de 100 kilos, tudo putrefacto e nauseabundo.

Para quem quiser ir buscar aqui vai a fotografia:



E do interior:



Não é aceitável que algo tão criminoso e perigoso para a saúde pública possa passar impune.

Quer sejam restos de algum matadouro clandestino, de alguma função de E. Santo (espero que não) ou de qualquer outra origem, não deve nem pode passar sem punição exemplar.

Mas alguns diligentes Vigilantes de Natureza e outros encarregados da mesma função dizem que muitas vezes é o que acontece.

E essa sensação de impunidade leva a que quem chamava a atenção para estas coisas esteja a perder a paciência e a vontade.

A fotografia seguinte é da Praia de Santana e ilustra bem o que seriam todas as nossas praias sem a permanente limpeza por pessoas e máquinas.

Grande parte dos resíduos são da pesca, cabos e caixas azuis, mas também há muito lixo doméstico.

Do porto e da Marina onde há hoje muito movimento com a chegada de dezenas de iates da AZAB poderia mandar imagens do ano todo de pontões cheios de ossos de frango e coisas piores defecadas pelos milhares de gaivotas que teimamos em albergar e que fazem as suas refeições na enorme lixeira de Ponta Delgada onde certamente há ao ar livre e acessível todo este manancial de alimento para elas.

Que bela imagem de desenvolvimento e limpeza apesar de todo o esforço de alguns responsáveis por limpar e disfarçar este desastre.

Portanto, enquanto nos tentam impingir todos aqueles números, programas de TV, galardões alguns comprados, outros até talvez não, e nos tentam convencer daquilo em que querem acreditar, podem ficar com esta pequena introdução ao estado não oficial do ambiente, para já só em S. Miguel.

